

o aprendiz de gutenber

alix christie

Tradução de Jorge Candeias



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

In memoriam

Lester Lloyd
James Robertson
Mestres impressores

*“Porque não há coisa encoberta que não haja de manifestar-se,
nem coisa secreta que não haja de saber-se e vir à luz.”*

Evangelho de São Marcos, 4:22

*“Nos anais da inovação, novas ideias são só parte da equação.
A execução é igualmente importante.”*

Walter Isaacson
Steve Jobs, A Biography

Abadia de Sponheim, Alemanha

Setembro de 1485



uitos anos depois, quando o Abade Trithemius lhe pediu pela primeira vez para recordar o verdadeiro começo da gloriosa arte da impressão, Peter Schoeffer recusou. Informou o abade de que a história era demasiado privada e não realmente sua.

— Exatamente. Nenhum homem inventa sozinho! A criação é território do Senhor. — O monge, com um largo sorriso, estava inclinado para o seu convidado. — Segue-se que o homem que obrou este milagre foi tocado por Deus.

Ele é jovem — demasiado jovem para ser abade deste claustro erigido no topo de uma colina, dono de um estúdio abobadado repleto de livros, cujos fechos de latão reluzem à luz dourada do outono. E Peter Schoeffer também não gosta do brilho de satisfação nos seus olhos, embora saiba por que motivo lá está. Trithemius apanhou-o finalmente na rede, trouxe o famoso impressor à abadia, após muitas tentativas.

— Eu planeio escrever tudo — diz o abade e ergue um braço para circunscrever a biblioteca, a grossa fortaleza de pedra, a Renânia, lá em baixo. — Uma crónica de tudo o que aconteceu aqui nestes tempos abençoados. Nada foi mais importante, certamente, do que esta grande invenção na qual vós, senhor, desempenhastes um papel.

Ele está a usar-me para construir reputação, pensa Peter. Será assim

que nascem as crónicas, com uma história contada àqueles que querem fazer nome por aqueles que o tempo e o destino deixaram inexplicavelmente em pé?

A caminho da abadia, ele e o abade tinham serpenteado por pátios, passando pela capela, até ao espaço aberto do claustro, onde agora mesmo os monges estão a escrever, de costas vergadas, com as mesas posicionadas de modo a receber o sol inclinado da estação das colheitas. Quanto tempo passara, notou Peter, surpreendido, desde a última vez que vira um grupo de irmãos beneditinos em fileiras tão ocupadas, entre os sons da pena no papel? Em tempos, todos os claustros da grande ordem monástica possuíam *scriptoria* onde a Palavra Divina florescia entre a mão e o pergaminho, mas agora quase nenhum sobrevivia.

O abade nem abrandara o passo.

— Eles amaldiçoam-me por isso — dissera, com um sorriso apertado — e dizem que a imprensa os devia poupar a este trabalho de escravo.

Peter trouxera livros da sua imprensa para os dar a Sponheim, sobretudo livros costumeiros de liturgia e lei. Os seus pensamentos haviam começado a voltar-se para as orações que os monges fazem em agradecimento quando a sua alma se aproxima do fim. Trithemius recebe esses volumes impressos com avidez, embora as suas prateleiras estejam cheias com o trabalho manual dos escribas. Afaga as encadernações de couro e volta a fixar Peter com os seus olhos claros e intensos.

— Vós sois o único que conhece a verdade, agora que ambos os Johann foram chamados para junto de Deus.

Refere-se a Johann Gutenberg e a Johann Fust.

A mente de Peter Schoeffer está clara e tem os dedos tão fortes como sempre. Já tem mais de sessenta anos, é pai de quatro filhos e é o rico fundador da maior casa impressora em toda a Alemanha. Homem magro e alto, usa uma barba prateada cortada curta na cara estreita e sóbria.

— A verdade. — E sorri.

Muito fora dito nas décadas decorridas desde aquela época, mas quase nada é verdade. Praticamente canonizaram o homem que fundou aquela arte maravilhosa. Como Gutenberg se riria se os pudesse ver lá de cima... ou lá de baixo. A disposição final da alma do seu mestre está longe de ser certa.

— Dizem que ele morreu na penúria, abandonado e traído. — A voz do abade endurece.

E que bem conhece Peter Schoeffler a acusação: que foi ele e Fust, o seu pai adotivo, quem arrancou a oficina bíblica das mãos do mestre e lhe roubou o trabalho de toda a vida. Havia anos que era acompanhado pela calúnia desta odiosa acusação.

— É mentira. — A voz soou clara. — Quando ele morreu, era membro da corte do Arcebispo Adolph, muito elogiado e bem acompanhado.

— Enquanto a vossa firma prosseguiu o trabalho e prosperou.

— O sucesso, meu caro irmão, não é crime algum. — Dirige ao monge um olhar penetrante. — Houve traições, certamente... mas não como as pessoas julgam.

— Então há, de facto, uma história a contar.

O abade dirige-se à janela onde permanece um momento, perdido em pensamentos — ou fingindo-os. O seu hábito negro e simples pende do seu grande corpo como um pano de uma gaiola.

— Temos um dever a cumprir, não vos parece? — Trithemius olha para trás. — Um dever para com o passado e para com o futuro.

Embora se tivessem passado trinta anos, Peter sente-se renitente em ensombrar o nome do mestre. No seu íntimo, ainda ama o louco, Gutenberg, aquele génio ardente e brutal que derrubou tanto quanto criou — que recolheu o crédito, sempre, independentemente de lhe ser ou não devido. Ele concebeu a arte e forjou as letras de metal antes de qualquer outro, isso ninguém poderá negar com razoabilidade. Mas sem Peter e o pai, a grande Bíblia nunca teria sido feita.

O abade experimenta outra abordagem.

— Pensai na arca da história. Não conterà a grande abóbada da *Historia* todo o passado e presente e todo o mundo que foi criado? Não será por isso cada palavra, cada ato nosso, parte, por mais pequena que seja, da vasta arquitetura do plano de Deus?

Trithemius tem uma testa alta e olhos que não pestanejam. É confiante, sem dúvida bem-nascido — e é da mesma idade que Peter tinha quando tudo começou, possuidor daquela mesma ardente energia. Peter procura nos cantos do palácio de memória na sua mente. A abóbada divina é mais vasta, e de longe: sempre a imaginara como uma nave que preenche o céu.

Em tempos acreditara que o que estavam a fazer os ergueria mais alto, sempre mais alto — sentira que a divindade que flui pela Criação os tocara. Até tudo rachar e a oficina se encher de ira e recriminações. A

cada ano sucessivo, Peter vira o mundo sair mais dos eixos, tornar-se cacofónico, a própria terra atordoada pelo bater das máquinas. E começara a perguntar a si mesmo se Deus não teria libertado alguma força mais sombria com a grande e brilhante rede de palavras.

Nunca quisera denunciar o mestre, não em voz alta. Rezara durante anos por descobrir o perdão no coração. Mas, no seu íntimo, ainda culpa Gutenberg pelo modo como tudo ruiu estrondosamente. Coça a barba. Trithemius tem razão. A posteridade deve saber a verdade; o mundo deve conhecer o papel que ele e Fust desempenharam.

O abade senta-se e estende a mão para um cálamo.

Uma ferramenta — fora assim que o mestre o vira no fim. Mas qual de entre eles não será ferramenta do Mestre Artesão? Peter sente uma leveza súbita, como uma bolha a subir por uma massa derretida. Contará a história como puder. Reza para que seja com modéstia: Deus bem sabe que lutou toda a vida contra o pecado do orgulho.

— Pode levar muitas visitas — diz, erguendo-se por sua vez e olhando para o pomar que se vai desvanecendo, as sarapintadas colinas avermelhadas que descem até ao vale, muito abaixo.

Quem poderá dizer se o que fizeram se virá a mostrar uma força para o bem ou para o mal? Só Deus pode saber. Fingir o contrário é presumir que se conhece as Suas ideias. Mas não terá sido precisamente isso que fizeram no turbilhão daqueles anos, inflamados por ardor, atrevimento e juventude? Imaginando que os três, com a sua arte recém-descoberta, poderiam erguer-se tão alto?

— *Historia*. — Acena com a cabeça. — Está bem. Talvez encontreis alguma forma, que eu não encontrei, de descortinar o significado que o Senhor traçou.



énesis

1. Mainz, Alemanha
Setembro de 1450



“E tu tinha vinte e cinco anos no ano em que o meu pai me chamou para casa.” Assim começava. A carta fora entregue na oficina na *Rue des Écrivains*, onde ele copiava umas provas de Aristóteles. Não falava do motivo. O pai limitava-se a estender a sua mão de mercador e a pegar em Peter, como se ele fosse um número a ser transferido de uma coluna para outra no seu grosso livro-mestre castanho. De Paris de regresso a Mainz: Peter sentiu a mágoa pelo facto, durante todos os três dias que levou a atravessar a lisa planície francesa e seguir o Reno até casa.

Ao entrar no barco mercante em Estrasburgo, tentou acalmar a mente — simplesmente limpá-la, como rasparia e apagaria a giz um pergaminho. Aprendera alguns meses antes esta disciplina com monges: estabilizar primeiro a respiração, o pulso, e depois os dedos e os olhos, para unir o texto que copiava e o seu aparato numa linha ordenada. Pelo menos era uma bênção escapar àquela carruagem malcheirosa e sacudida. Agarrou-se à amurada, encheu os pulmões de ar e olhou para jusante.

O navio seguia muito carregado; os passageiros que não dispunham de amurada agarravam-se a ripas pregadas ao porão. Eram meros pontinhos no rio, a correr para o mar. A embarcação oscilava e balançava e Peter sentia os estremeções daquela poderosa força sob os seus pés. O

rio parecia atirá-lo para trás, para baixo, a cada curva que o levava para mais perto de casa.

Quando era novo, pensava que os navios do Reno pareciam chinêlos de senhoras: planos e baixos na proa, erguendo-se depois na popa para se enrolarem como uma pétala extravagante nas costas do capitão. Era rapaz da última vez que vira aquelas margens. Mas regressava agora como homem — um homem de letras, um *clericus*, um escriba. Levava as ferramentas da profissão numa bolsa a tiracolo, como se fosse uma aljava: o chifre selado de tinta, as penas e os cálamos, o osso, o giz e a camurça.

O vale do Reno desdobrava-se de ambos os lados em vertentes de verde e dourado e, mais acima, em afloramentos rosados, empoleirados muito acima do rio como outros tantos gnomos. Um cheiro antigo e turfoso misturava-se de forma nauseante com as pomadas e o suor de finais de setembro, que se colavam aos corpos aglomerados à amurada. Sabia apenas que o assunto era bastante urgente. O pai não o teria chamado de volta para celebrar o nascimento do seu novo filho, embora um filho a uma idade tão avançada fosse uma notícia maravilhosa. E tampouco era provável que tivesse escolhido para Peter uma esposa. *Estabelece-te primeiro*, sempre dissera Johann Fust, *e depois poderás escolher a noiva que quiseres*. A única pista consistia de um pós-escrito na sua letra espilalada: *Conheci um homem absolutamente espantoso*.

O Sena cheirava a giz e a pedra, à pujança de uma cidade viva e entusiasmante. O Reno era mais largo, mais escuro, enraizado na floresta e nos campos. Peter inspirou o odor do rio, o odor que conhecera durante a maior parte da sua vida. Não estavam agora longe de Gernsheim: onde nascera e fora criado e cuidara de ovelhas. Onde ficara órfão e onde fora salvo. Viu fugazmente a quinta e o Padre Paul. Nunca esqueceria a patorra entrevada do velho padre e depois o seu pequeno pulso, que traçava as letras dele cumprindo o desejo moribundo da sua mãe. Olhou para essa mesma mão, agora agarrada à amurada — essa mão que dominava uma dúzia de caligrafias. Era uma ferramenta perfeita: com ela estivera, na Sorbonne, mesmo no cume do mundo.

E que mundo era! Décadas mais tarde ainda conseguia saborear o que sentira naquele ano de Jubileu. O Sacro Império Romano pulsava, como um rico com febre, temeroso mas entusiasmado com a perspectiva da luz. Toda a Cristandade estava num equilíbrio precário, à espera. Ha-

via um novo papa no trono de São Pedro e ia crescendo uma estranha nova mentalidade. O cisma dos três papas ficara para trás; os cardeais tinham finalmente vergado perante a autoridade de Roma. O novo pontífice italiano, Nicolau Quinto, jurara limpar o vil mundo. Convocara o seu Jubileu para trazer os fiéis de volta à penitência e acabar com anos de saques, governados pela ganância.

Esse novo vento soprava pelos mercados e pelas salas de leitura, pelas ruas e pelas sedes de conhecimento, de Bolonha a Paris. Rodeava os bancos em que novos homens trabalhavam com as suas penas, a copiar os textos que alimentavam as melhores mentes do mundo ocidental. Esse vento trouxera multidões de novos estudantes, recrutados pela prosperidade e pelo comércio, todos ávidos por uma oportunidade; juntara os escribas em longas fileiras, a escrever num frenesim para conseguirem acompanhar a procura. Peter sentira a força desse vento no seu braço, levantando-lhe os olhos até alturas com que nunca sonhara: pois era um desses novos homens, desses escribas-eruditos.

E depois, o vento parara — travado pela grossa faixa castanha do Reno. Peter observou os outros navios mercantes, densos como krill na água. Mercadores, prestamistas, burocratas e padres: todos servos tanto de Mamona como de Deus. Soube com certeza que os ventos de mudança estavam mortos naquelas margens quando, à noitinha, o barco em que seguiam acostou em Speyer. Deixou-se ficar para trás quando os passageiros saltaram para a margem; vira alguns mercadores amigos do pai que teria de cumprimentar se fosse visto. Em vez disso, deixou-se ficar entre as estacas, a ver o estivador manusear a grua profundamente enterrada na margem.

Levara apenas o pouco que podia transportar, incluindo um novo manuscrito de Cícero que acabara de começar quando o chamamento chegara. O resto deixara ficar em Paris, como uma espécie de amuleto. O pai não podia querer que ele ficasse em Mainz. Não depois de tudo o que Peter alcançara: a sua rápida ascensão pelas fileiras e a sua sorte por ter sido escolhido nem um mês antes para representar a oficina junto do reitor da universidade. Escrevia esses livros adicionais à noite, para ganhar dinheiro para coisas que o estipêndio do pai não cobria e preferia não revelar. Empacotara o manuscrito e dez conjuntos de páginas em branco num barril da firma da família. Cícero, *Dos Deveres*. Oh, o paralelismo era rico: os sermões do grande homem ao seu filho. Flutuava agora con-

sigo, amarrado aos restantes barris no porão, com o velo aconchegado no seu encaracolado ninho de aparas.

Pelo menos, fora aí que o vira pela última vez, ao ser guardado. Até que, com choque, viu o seu pequeno barril castanho ser atirado para cima e preso ao grande gancho que levava os bens para terra. Saltou e gritou, acenando com os braços. O estivador puxou a corda. O barril mostrava a marca de Mainz, grunhiu. E nenhum bem podia entrar ou sair de Mainz desde que, três semanas antes, o arcebispo atingira a cidade com uma interdição.

— Que interdição? — Os amigos do pai apareceram então atrás dele, a respirar amargamente.

— Deixa-o — silvou Widder — senão nunca mais o verás.

O barril marcado *Irmãos Fust* viajou lentamente pelo céu.

— Não se recebem muitas notícias lá em Paris, é? — Um cotovelo espetou-se-lhe no flanco. A excomunhão era o meio preferido de o Arcebispo Dietrich brandir o punho; fechava uma cidade da sua diocese durante semanas, por vezes meses se os conselhos locais tentassem reduzir-lhe o poder ou as receitas. O capitão soprou no apito e os passageiros voltaram a empilhar-se no barco, empurrando Peter para diante nessa maré fétida, entre encontrões. Sentiu-se preso, levado para trás, como se não passasse de um barril de mercadoria. Passara três anos longe dali, por Deus, e nem uma coisinha de nada mudara.

Enquanto ganhavam velocidade, rezou para conseguir escapar em breve daquele lugar gasto e quezilento. Dobrou o corpo com a corrente, enquanto o rio se enrolava ao passar por Gernsheim, dando três voltas como se fosse uma mola gigantesca, e depois disparava o barco que o levava para as poucas milhas que restavam.

*

A cidade parecia igual. Nem um pouco surrada, embora Peter tivesse ouvido o suficiente em trânsito para concluir que Mainz estava *in extremis*. Ainda se erguia orgulhosa na margem, uma ilha cingida por uma elevada muralha branca, realçada com extremidades vermelhas e azuis como que pelo pincel de um iluminador. O navio passou lentamente pelos vinhedos das abadias que lhe invadiam a porta sul como gordos bispos. Do outro lado do rio, à direita, uma foz mais pequena e lamacen-

ta trazia água da planície de Hesse. A cidade catedral do arcebispado de Mainz erguia-se precisamente na confluência do Reno e do Main.

A margem, nesse fim de tarde, parecia vazia de vida. Por instinto, Peter ergueu os olhos para avaliar a cor do céu. A Porta de Ferro seria fechada em breve. A última coluna de homens e carroças do dia ia subindo laboriosamente os rochedos, e ele apressou-se a juntar-se-lhe, enterrando os pés em areia lamacenta. Vista de perto, a poderosa muralha estava a escamar, franzindo-se junto das gigantescas dobradiças como uma bruxa desdentada. Sob o arco, Peter beijou a palma da mão e tocou com ela no selo da cidade. Uma esquina dobrada para a esquerda e depois outra para a direita, e encontrou-se na praça a que chamavam Brand e em casa.

Havia um estranho sossego enquanto ali esteve parado, a retesar e descontraír as longas mãos. Carroças à espera de descarga estavam à frente da *Kaufhaus*, o enorme edifício da alfândega. Cavalos batiam com os cascos no chão, os estorninhos voavam aos círculos, mas havia um manto mortuário sobre tudo aquilo. Os seus olhos dirigiram-se para os ponteiros saltitantes do relógio no campanário mais elevado, a catedral vermelha de São Martinho. Esperou até estarem em linha reta. Os ponteiros tiniram, e o seu mecanismo estalou claramente no silêncio. Nem um sino. Não ouviu nenhum sino em todas aquelas quarenta igrejas. A interdição do arcebispo era mais um vivo lembrete de quem realmente tinha as rédeas na mão, segundo lhe tinham dito os amigos do pai. Os trabalhadores haviam conquistado o conselho municipal e tentado pôr fim aos anos de saque pelos clãs governantes de Anciões. Mas quando o conselho não quis pagar os juros que esses clãs exigiam pelos belos negócios que tinham congeminado, a velha guarda limitara-se a chamar o punho do Arcebispo Dietrich. Era a velha litania de sempre da ganância, as lutas pelo poder naquela parvónia que a História deixara para trás. Peter virou-se e atravessou a praça na direção da *Haus zur Rosau*.

A casa do pai não era a mais grandiosa de todas as casas de madeira dos mercadores que rodeavam a Brand. Mas era imponente, como o próprio homem: larga e sólida, com uma elegância inesperada no interior. Os seus soalhos eram feitos de ardósia azul, as paredes amarelas tornadas mais acolhedoras pelas novas tapeçarias vindas de França e da Flandres — se bem que, no calor daquele fim de verão, as tapeçarias es-

tivessem enroladas e guardadas e as fendas das janelas fossem cobertas com gaze.

O seu pai adotivo tinha o costume dos homens grandes, de esmagar aqueles que amava contra a ampla proeminência do estômago. E depois segurou Peter à distância de um braço.

— Finalmente. — Sorriu.

— Sabíeis perfeitamente bem em que barco eu viria.

— Mas mesmo assim estive à espreita de todos. — Johann Fust tinha olhos tão azuis como as vestimentas de Maria, numa cara que, com os anos e o sucesso, se avermelhara e enchera. Um olho piscou.

— Então tereis reparado que cheguei de mãos vazias. — Peter revirou os olhos.

— Então fizeram-vos parar? Em Speyer?

— Podíeis ter-me avisado.

O pai apertou-lhe o ombro.

— Nada que um xelim numa palma não resolva. O que importa é que estás em casa. — Fust virou-se quando Grede entrou no átrio. A mulher do pai parecia pálida, mas nos seus lábios ainda brincava o sorriso irónico que sempre tivera.

— Maravilha das maravilhas. — Ela virou a bochecha para os seus lábios. — Eu tinha desistido de toda a esperança de tu vires a ver o teu irmão antes de ele conseguir pegar num estilete.

— Deixei o Palácio do Louvre num certo desespero. — Peter sorriu e fez uma vénia, roçando no chão com uma mão descontraída. — Para vos agraciar com a minha presença nas vossas humildes casas.

Ela riu-se. Contudo, a viva e jovem mulher do pai — a sua segunda esposa, e uma espécie de irmã para Peter — parecia exausta: como se, tendo sobrevivido uma vez mais ao terror da cama de partos, tivesse enfim deixado a juventude para trás. Não tinha aquele aspeto quando dera à luz Christina, cinco anos antes.

Dirigiram-se para a grande sala da frente e pararam junto de um berço. Fust tomou a trouxa nos braços.

— Chamamos-lhe *Hennchin*. Pequeno Hans — disse, com um orgulho assumido. O bebé bocejou, com a cara franzida como uma velha maçã murcha. Os seus olhos abriram-se, azuis como os que os olhavam, maravilhados. Peter levou um dedo ao minúsculo punho e depois dobrou-se para beijar a minúscula cabeça. Nunca tivera uma irmã ou um

irmão que partilhassem o seu sangue; a mãe morrera ao dá-lo à luz. Ele fora salvo e adotado por aquela casa fina, pela prima da sua mãe, a primeira esposa de Fust. Suavemente, libertou-se dos dedinhos que o agarravam. Crescera até ser homem dentro daquelas paredes. Mas isso não queria dizer de forma alguma que tivesse direitos sobre aquele tipinho de cara vermelha — fora só devido à sua chegada tardia que Peter fora bem-vindo àquela casa, anos antes.

Peter passou a refeição que se seguiu a observar o pai, à espera de algum sinal. Grede pusera na mesa velas de cera de abelha e os seus preciosos copos venezianos. A cozinheira fizera carneiro assado, batatas, acelga e uma ave de capoeira qualquer cozinhada numa tarte. Tinham empurrado tudo para baixo com *Rheingau* das vinhas de Santiago. Peter trouxera presentes: um livro de calfe para Tina, agora com cinco anos e tão elegante e loura como qualquer querubim, e um jogo de espeta-o-anel em faia. Os criados entraram em silêncio quando Fust se levantou, folheando, de cenho franzido, uma gasta Bíblia de bolso.

— Uma leitura de São Mateus — acabou por dizer, e pigarreou. —
Cujoo nascimento honramos por estes dias.

Peter olhou Grede nos olhos. Desde quando Fust dava graças à mesa? *A interdição*, disse ela, formando as palavras com a boca, em silêncio, dilatando as narinas. Dietrich apoiava a sua própria classe, naturalmente; as ordens mais baixas podiam fingir governar, mas teriam de ser postas na linha. Não haveria sacramentos até que o conselho de arrivistas fosse derrubado. A palavra do arcebispo era lei: nenhum dos seus padres diria missa ou ouviria confissão; os recém-nascidos estavam por batizar, e os moribundos estavam privados dos últimos ritos, relegados para sempre à agonia do Limbo. A cara de Grede estava sombria de fúria.

“Ouvistes o que foi dito: Olho por olho, e dente por dente. Eu, porém, vos digo que não resistais ao homem mau; mas a qualquer que te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa.”

Fust ergueu olhos brilhantes e fixou-os no filho mais velho.

“Ouvistes o que foi dito: Amarás ao teu próximo, e odiarás ao teu inimigo. Eu, porém, vos digo: Amai aos vossos inimigos, e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai que está nos céus; porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.”

As testas ali reunidas tremeluziram à luz das velas. Fust baixou a grande cabeça debruada de branco. Teria escolhido aquela passagem só para ele?, perguntou Peter a si mesmo. Não seria a primeira vez. Tentara atrair o olhar de Fust e falhara. Que mensagem queria o pai enviar? A aceitação da injustiça e o aquietar dos desejos próprios? A impaciência inundou-o enquanto se mantinha à espera, desejando que Fust tornasse claro o significado da sua viagem.

— Embora possamos irritar-nos, não esqueçamos a sabedoria das Escrituras. — Fust pediu o vinho com um gesto. — E tampouco, neste dia de felicidade em que Peter regressou, matutemos demasiado sobre a perseguição. Nos seus tempos, os pais da Igreja foram muito mais perseguidos do que nós.

Sorriu e ergueu o cálice para brindar com o de Peter. E Peter, arrepiado, ergueu o seu. Como poderia não o fazer? Devia tudo a Fust. Não podia ver o coração do mercador, mas era capaz de imaginar o que Fust pensava sempre que olhava para Peter: o rapaz que criara, a vida que forjara, as habilidades e viagens que prodigamente concedera. A vida de lama e estreme de que tirara o rebento porco da prima da sua primeira mulher. Uma linha surgiu na mente de Peter, tão fresca como se o velho Cícero tivesse acabado de a escrever naquele mesmo instante: *Não há dever mais essencial do que reciprocamente a bondade.*

Palavras de orientação, escritas na profunda antiguidade e transmitidas durante os longos séculos sombrios por escribas cristãos.

*

— A Festa de São Mateus é auspiciosa para todos os empreendimentos comerciais. — Os dentes de Fust reluziam à luz do archote. Peter esperava, com as compridas pernas esticadas à frente da cadeira de verga. O calor do dia deixara o ar do pátio quente e perfumado pelas rosas e Peter sentiu o cheiro forte da fruta e o denso odor terroso do gado vindos da

viela, lá fora. Ouviu os gritos das corujas, os rugidos intermitentes do salão de jogos... esses velhos sons familiares.

— Que quereis dizer? — perguntou, quando Fust não prosseguiu.

— Só que tenho uma proposta a fazer — disse o pai, e endireitou-se na cadeira.

Que eu não poderei recusar.

— E foi por isso que me chamastes de volta.

— Temos uma oportunidade para dar forma ao futuro. — Fust debruçou-se para a frente, olhando-o no escuro. — Tu e eu, juntos, quero eu dizer.

— Eu já estou a dar forma ao futuro — disse Peter, endireitando-se.

— Não desta maneira.

— Eu não tive oportunidade de escrever para vos dizer — Peter falava como se não o tivesse ouvido — que me pediram para integrar o pessoal do reitor na universidade.

— Ah — disse Fust.

— Imaginai os benefícios que poderão vir para o comércio — prosseguiu o filho. — Sejam quais forem os títulos que ele selecionar, eu vê-los-ei primeiro. Saberemos exatamente o que o mercado vai procurar.

Da última vez que Fust passara por Paris, pedira ao filho para agir como batedor: para esquadrinhar as bancadas em que os livros eram vendidos em frente a Notre Dame, para manter as orelhas espetadas e ficar a saber que títulos a firma poderia vender a compradores a leste do Reno. Peter, entretanto, fizera-lhe uma visita guiada pela oficina dos escribas, uma das dúzias que serviam aquela grande universidade. Mostrara-lhe todas as pilhas de secções — escritas à mão e depois emprestadas a estudantes que escreveriam as suas próprias cópias — centenas delas, não só dos gregos e romanos, mas dos maiores eruditos da época: João Duns Escoto, Bernardo de Claraval, Tomás de Aquino. Fust maravilhou-se: esses escribas manchados de tinta eram como um poderoso exército, fileiras de anjos em movimento.

— Dissestes que me invejáveis da última vez que fostes a Paris.

— É verdade. — O pai puxou pela carne sob o queixo. — Mas isso foi antes de conhecer este homem.

— Este “*homem absolutamente espantoso*”. — Peter não fez nenhum esforço para esconder o menosprezo.

— Vê primeiro. — O pai levou a mão ao regaço, de lá tirou um con-

junto de folhas dobradas e pousou-o na mesa. — Vê, simplesmente. Depois julgo que compreenderás.

A mão — cinco folhas dobradas e aninhadas umas nas outras — era de um pergaminho de sofrível qualidade. Parte de um livro escolar, a avaliar pela forma curta e quadrada. Peter reconheceu de imediato a gramática latina de Donato: escrevera mil vezes aquelas declinações. Um trabalho comum e sórdido; ergueu o olhar, horrorizado.

— Tateia-a — disse o pai, e abriu o livreto na última página, em branco. Ergueu o dedo de Peter e esfregou-o levemente no espaço vazio.

Sentiu um granido, uma espécie de aspereza na pele. Como se o fabricante do pergaminho não tivesse raspado a pele até ficar inteiramente lisa. Passou dois dedos por ela, três, e de repente eles sentiram uma estranha e bem definida simetria. Virou a página para o lado escrito. O sangue deu então um salto e as palmas das mãos humedeceram. A letra da *textura* era atarracada e feia, mas cada cadeia de letras era tão regular que lhe mexeu com os nervos, ao longo de toda a linha. Cada uma daquelas linhas terminava com uma completa e arrepiante harmonia, precisamente à mesma distância da borda. Que mão seria capaz de escrever uma linha tão direita e exatamente por baixo da de cima? Que mão humana poderia concretizar coisa tão estranha? Sentiu que o coração se apertava e a alma se inundava com um terror irresistível.

— Agora entendes. Por que motivo tive de te chamar de volta. — A voz de Fust estava alterada.

— Que trabalho é este? Que mão fez isto?

— Nenhuma. — O pai voltou a pegar-lhe na ponta do dedo. — Sentes como se afunda? Como a tinta está não sobre a folha, mas numa cavidade na pele?

Peter fechou os olhos para tatear com mais precisão. Era como Fust dizia. O pergaminho cedia, de alguma forma: não era liso sob a tinta, como quando ele escrevia com a pena.

— De quem é este trabalho? — voltou a dizer.

A pesada cara de Fust brilhava.

— Um homem, a que chamam Gutenberg, descobriu uma forma de fazer as letras com metal. Põe a tinta sobre cada uma e depois estampa-as na página.

Peter levou a folha aos olhos. Tão perto que conseguiu ver a ténue

depressão, uma inclinação tão ligeira que era quase impercetível: da superfície até ao sulco de cada traço. O espaço onde os anjos — ou o diabo, decerto — dançavam num alfinete. A princípio não conseguiu falar, tão extremo era o choque.

— Fui abordado por um homem que sabia que eu negociava com livros. — O pai limpou a testa, como que aliviado por finalmente partilhar aquilo. — Gutenberg procurava um investidor, segundo me foi dito. Fui falar com ele, e ele mostrou-me isto. — Mas o homem não lhe quisera mostrar mais, disse a Peter, nem divulgar como era feito. Pela sua parte, ficara confundido, acrescentou: nunca ouvira falar de alguma família de Anciões que tivesse alguma coisa a ver com livros. Julgara todo o clã daquele homem satisfeito com a gestão de metade das abadias e da Casa da Moeda, e com arrancar ouro ao pano que vendiam a retalho sob as caleiras de São Martinho.

— Eu pensei, como tu — disse, enquanto pressionava a mão de Peter — que era só mais uma daquelas malditas gramáticas. Mas depois o tal Gutenberg disse que a tinha feito com uma nova técnica. Chama-lhe *ars impressoria*. E pensar que tem vindo a trabalhar nisto, em segredo, só a uma ou duas ruelas de distância... Conheces a casa. — Peter mal ouviu as palavras por entre os rugidos do seu cérebro. — *A Hof zum Gutenberg*, na Rua dos Sapateiros.

— Eu tenho um ofício — disse pesadamente, e atirou as folhas para cima da mesa.

Mas Fust já estava em pé, a andar de um lado para o outro, sem dar a mínima indicação de ter ouvido.

— Não é a regularidade, isso é só parte de tudo! — A voz soava sonora, as bochechas estavam coradas. O seu rosto de mercador tinha um ar circunspecto e familiar... mas também uma expressão estranha, que Peter não julgava já ter visto. Uma espécie de arrebatamento, uma exaltação. Fust virou-se e disparou uma pergunta. — Quanto tempo levarias a copiar isto? Uma semana, duas?

— Quatro dias. No máximo. — Peter era rápido, e jovem, e orgulhoso.

— Nesses quatro dias, este Gutenberg consegue fazer, “imprimindo,” como ele lhe chama, meia dúzia de cópias, todas perfeitamente iguais. — Fust contornou a mesa e estendeu a mão para o pulso de Peter. — Sem necessidade de gatares os dedos até ao osso.

O filho ficou pregado à cadeira, imóvel. Fust ergueu-se acima dele, bloqueando as estrelas brilhantes do céu.

— Imagina só! Por Deus, tens de compreender o que isto quer dizer. Poderemos fazer dez ou vinte vezes mais cópias de um livro... no mesmo tempo e com o mesmo custo. — As mãos do pai agitavam-se no ar. — Um livro como este... ou mesmo mais longo. Não há limites. — A expressão de maravilhamento foi substituída por triunfo. Baixou uma mão para o ombro de Peter e sacudiu-o com força. — No momento em que o vi, tive a certeza. Este é o milagre que o Senhor tem vindo desde o início a preparar para nós.

— Uma blasfémia, mais provavelmente, ou só alguma espécie de truque rasca. — Peter sacudiu a mão de Fust e voltou a pegar nas folhas impressas. Na verdade, aquele livreto era uma coisa miserável e sem alma. As letras eram tão toscas como aquelas gravuras baratas que os holandeses vendiam pelas ruas; as linhas e as bordas estavam manchadas de tinta.

A expressão de Fust ensombrou-se. Depois, ele endireitou-se e passou uma mão pela cara.

— Mas tens de compreender. Não foi um acidente que te trouxe para cá. Cada passo que te trouxe para esta casa, cada livro que vimos e vendemos, ou que tu próprio escreveste. O que foi tudo isso, senão uma preparação? Qual é o nosso propósito, se não for aprenderes esta arte abençoada?

— Abençoada? — Peter deu um sacão com a mão; o panfleto caiu. Levantou-se e empurrou a cadeira. — Isto não é arte nenhuma. Quem é aqui o escriba, vós ou eu? — Abanou a cabeça. — Eu sou um mestre desta arte, como bem sabeis. Tenho um ofício, uma vida.

— Tiveste os teus anos de errância. — A voz do pai estava seca. — Já duraram o suficiente. Preciso de ti aqui. — Tinha os pés bem assentes no chão e a expressão severa.

— Manter-me-íeis aqui? — Soou como uma lamúria.

— Nem devia ter de o pedir.

Peter sentiu a cara inflamar-se. E mesmo assim debatia-se, lutando por encontrar um ponto de apoio.

— Nunca ouvi falar de nenhum Ancião ter pegado numa ferramenta. Que prova tendes de que esse tal Gutenberg fez isto como dizeis?

A coisa podia facilmente ter sido uma placa esculpida de madeira,

tão tosca como qualquer das que eram feitas para produzir imagens de santos e as poucas letras dos seus nomes.

— Fui informado de que um ourives trata da escultura e fundição das formas metálicas.

— Um ourives. — A própria palavra vinha carregada. Fust já por uma vez tinha tentado fazer dele um ourives, como o tio de Peter, Jakob, e, antes o avô... e, quando isso não resultara, um mercador ou um homem de leis. Mas Peter descobrira um ofício seu e distinguira-se nele. Teria Fust de lhe tirar tudo isso?

O pai emprestara àquele homem vastas somas. Agora queria emprestar-lhe o seu próprio filho. Mas não o seu único rebento, pensou Peter, sentindo a fúria a aumentar. Já não o era.

— Fá-lo — disse o pai. — Por mim.

Peter ouviu as palavras de Jesus, naquela terrível véspera. *Fazei isto, em memória de mim.*

— É um choque, eu sei. — A voz de Fust soou áspera. — Mas ao menos tenta perceber. Foi esta a mudança pela qual orei.

Um homem tem de deixar um legado, ouviu-o Peter dizer. *Tem de sentir que a sua passagem por esta terra não foi para nada.* As palavras, por mais bem-intencionadas que fossem, ergueram-se e rodearam-lhe a garganta como um laço.

— Não me deixareis escolher? — sussurrou, conhecendo já a resposta.

Fust olhou-o nos olhos por um longo momento.

— Penso que Deus há muito escolheu por nós ambos.

*

A *Hof zum Gutenberg* tinha as traseiras viradas para a Rua dos Sapateiros e a fachada dava para a igreja da paróquia, São Cristóvão, que se erguia num pequeno monte que descia, para o rio. O sítio era incaracterístico e sombrio; Peter procurou, em vão, alguma elegância na sua fachada cinzenta. Havia três degraus de granito, uma porta gigantesca, uma aldraba. O seu pai usava uma túnica feita de terciopelo vermelho. Demasiado fina, pensou o filho, quando parou à sua sombra, à espera de o braço de Fust se levantar, de o aro de ferro se erguer e cair. Peter manteve-se imóvel vestido com bragas escuras e simples e a única camisa boa, ainda

a feder da viagem. Tão imóvel como estivera quando, rapaz de dez anos, fora enviado a Fust: a recordação, súbita e penetrante, voltou-lhe. Aquele rapaz desajeitado e silencioso, cuidadosamente banhado e vestido, posto na carroça do mercado que se dirigia para Mainz — vestido com aquilo que aqueles grandes senhores deviam ter achado ser trapos. Como estivera assustado, como estivera hirto no seu desejo de agradecer para que não fosse devolvido à carroça e mandado embora.

O homem atrás daquela porta era um Ancião — um patrício de mais alto nível, e sem dúvida altivo. Fust vestira-se para mostrar que, embora fosse mercador, era tão rico como ele. Uma estranha aliança, quando Mainz estava rasgada entre os velhos clãs e a classe mercantil em ascensão. Aquele Gutenberg era um dos que mantinham a cidade refém, graças ao punho de ferro de Dietrich: um membro da velha elite que governava os tribunais, o comércio e as igrejas — e acima de tudo sugava rendimentos dos empréstimos que deixavam a cidade exangue.

— Uma sanguessuga, portanto — observara Peter, quando tentara obter informação durante o pequeno-almoço.

— Mais pragmático do que uma sanguessuga, penso eu. — Fust encolhera os ombros e rachara o ovo cozido. — Ouvi dizer que ele é olhado com alguma suspeita pelos seus pares. — O homem só recentemente regressara a Mainz; passara alguns trinta anos em Estrasburgo. O que explicava, até certo ponto, por que motivo ninguém sabia ao certo o que pensar dele. Fizera constar uma história de que andava a fazer bugiganças para comerciar com peregrinos, na esperança de manter afastados os olhos curiosos.

O mercador deixou cair várias vezes o batente e depois pôs-se a bater à porta com as mãos. A cada pancada infrutífera, o seu pescoço ficava mais vermelho. Praguejou em surdina e estava prestes a virar costas quando finalmente ouviram um som de raspar. Uma tranca foi puxada, a porta abriu-se repentinamente para fora e os dois saltaram para trás. À entrada estava o dono da casa, por improvável que fosse um rebento de um clã de Anciões ir abrir a porta da frente. Contudo, a avaliar pela roupa, tinha de ser ele: usava uma túnica de linho cintada e sapatos com fivelas de prata, embora houvesse fuligem tanto nas meias como nas mangas enroladas para cima.

— *Herr* Fust. — Uma cara bem definida e angulosa, olhos escuros

e perscrutadores que não pareciam inteiramente contentes. — Eu devia ter adivinhado que éreis vós.

— Ter-vos-ia enviado uma nota... mas a minha impaciência era demasiado grande.

Gutenberg limitou-se a soltar um grunhido e olhar para trás deles, espreitando com suspeita a rua, de um lado e do outro. Fê-los entrar por baixo de um braço.

— Paciência é para tolos e santos. — Fez deslizar a pesada tranca e virou-se para os encarar. Estranhamente, para um homem da sua elevada casta, tinha uma longa, escura e retorcida barba.

— Este é o filho de que falei. — Fust empurrou Peter em frente.

Uma ondinha sob a pele puxou os lábios do homem para formar um trejeito.

— Não vejo muitas semelhanças. — Os seus olhos esquadrinharam Peter. — Tem nome, este escriba dotado?

— Peter Schoeffer. Senhor. — Baixou a cabeça. Já sabia como correria. Já por duas vezes se tornara aprendiz, o mais baixo dos baixos.

— Eu oferecer-vos-ia uma bebida... mas onde diabo está o Lorenz? — O dono da casa olhou em volta com irritação. — Estou no meio daquilo, não posso... — Então interrompeu-se e deu uma palmada na testa. — Perdoai-me — disse, dirigindo a Fust um sorriso contristado. — Claro... tinha-me esquecido por completo de que poderíeis visitar-me. Agora é uma segunda natureza, manter afastados olhos indiscretos.

Mas eles dificilmente se poderiam considerar indiscretos. Se Peter compreendera bem, o pai era o financeiro daquele louco.

— Pensei que estava na altura de Peter ver a vossa nova técnica — disse o pai.

No mesmo instante, a cara angulosa do homem ficou a centímetros da sua. De perto, os seus olhos não eram negros, como tinham parecido a princípio, mas castanhos e salpicados de topázio. O cabelo estava despendeado e espetava-se-lhe até aos ombros, e a barba caía-lhe em cascata do queixo até ao peito cheio, reluzindo aqui e ali como espirais de arame.

— Primeiro vais jurar mantê-la secreta. Pela vida. — O hálito que se espalhou sobre a cara de Peter era fétido.

— Juro — murmurou e, ao ouvir aquilo, Johann Gensfleisch, conhecido como Gutenberg, girou rapidamente sobre si próprio e seguiu a passos largos por um corredor mal iluminado. Seguiram-no por uma

porta para um pátio onde, meio cego, Peter viu o vulto escuro virar-se uma vez mais e bradar: “A tua vida!”, antes de puxar pela pesada porta do estábulo.

Calor e barulho foi o que os atingiu primeiro. Uma escuridão abrasadora, alimentada por fogo, um estridor latejante: batimentos de malthos em metal e as pancadas mais surdas de madeira em madeira. Quando os olhos de Peter se ajustaram, viu que eram só três homens a causar todo aquele chinfrim. Um gigante ruivo estava ao lado de uma estranha engenhoca feita de madeira; no canto mais distante, outros dois homens viam-se em silhueta diante do brilho alaranjado de uma forja quente.

— *Impressoria*. — O dono do lugar estendeu o braço. — Impressão. Embora a mera palavra nem comece a fazer-lhe justiça. — Dentro da oficina, a cara dele ganhara vida com um feroz orgulho. — É mais como um sistema semelhante a um curso de água, a um relógio: uma série de partes precisas e encadeadas. — O braço direito puxou tudo aquilo para si. — Tive de conceber cada maldita parte... cada ferramenta, cada instrumento, o raio de cada movimento da porcaria de cada mão... e fazer com que a coisa inteira se encaixasse.

Levou-os na direção do fogo, mergulhando-os num fumo tão malcheiroso e adstringente que lhes atirou panos para cobrirem as bocas e os narizes.

— O Hans e o Keffer fazem o metal. — Quatro olhos avermelhados observaram-nos por cima de lenços imundos. O mestre virou-se para Peter, com olhos que pareciam os de algum barbeiro-cirurgião demente. — Espero bem que saibas fundir minério.

Deus, não. O silvo do carvão e os fumos acres haviam-no mergulhado instantaneamente naquele canto imundo da loja do tio onde suara e aguentara. Ao lado de vários pobres recrutados, do primo e de um palhaço que também se chamava Keffer — se aquela cara envolta em pano que o fitava era a dele e não a de algum primo ou irmão. Os olhos raiados de sangue não revelavam qualquer pista.

— Todos os Fust foram criados junto da forja — interveio Fust antes de Peter conseguir responder.

Gutenberg fez um aceno brusco com a cabeça.

— Fundimos as letras ao contrário até termos as suficientes para fazer linhas com elas. — Sacudiu a cabeça despenteada na direção do financeiro. — Vedes agora por que motivo comecei em ponto pequeno.

Depois disso, alinhavam as letras em páginas, cobriam-nas de tinta e davam-nas ao impressor, prosseguiu Gutenberg. O gigante ruivo endireitou-se prontamente quando o mestre avançou para ele a passos largos.

— Precisamos de um grande urso aqui como o Konrad para manejar a barra. — Essa barra era uma longa alavanca que se projetava de uma plataforma de madeira, a qual fazia estranhamente lembrar as prensas que construía nos vinhedos para a colheita. Peter contornou-a, estudando as suas peças. Havia um tampo de mesa, comprido e estreito, do tamanho de um pequeno caixão; por cima erguia-se uma espécie de cadafalso de madeira. Pela barra superior passava não um laço, mas um enorme parafuso de madeira, do qual pendia, mesmo por cima da mesa, um enorme bloco de madeira.

— A minha prensa — disse Gutenberg. Ficou ali parado durante um instante, a mexer na barba, a observar os olhos deles. O homem chamado Konrad barrou com uma pasta negra um bloco de metal que, visto mais de perto, se revelou constituído por meia dúzia de linhas de letras, firmemente presas com um cordel. Pousou uma folha de papel em cima das letras e depois, em cima do papel, pôs um quadro leve de madeira que continha uma porção de velo esticado. Solto um grunhido ao enfiar todo o tabuleiro sob o bloco pendente. Fust piscou o olho e Peter finalmente exalou. Estivera a sustar a respiração desde que entrara naquela fossa.

Konrad agarrou na alavanca e puxou-a com força para o outro lado da prensa. Esse ato deixou cair o pesado peso no tabuleiro. Ouviu-se um estrondo de trituração e depois o som de uma batida forte, de algo a esmagar-se; Peter sentiu o impacto nas entranhas. O processo foi repetido ao contrário; o mestre cuspiu nas mãos e limpou-as, após o que pegou no papel quando o impressor o ergueu de cima das letras. Franziu o sobrolho, fazendo mexer a boca; Peter espreitou por cima do seu ombro quando ele se virou. O texto estava claramente torto.

— Sacanas cegos — resmungou Gutenberg ao avançar para a bancada de trabalho ao lado da forja. Peter e Fust, esquecidos, seguiram atrás dele. A contragosto, o escriba sentiu uma fremeira de interesse.

No meio de uma confusão de cadinhos e copelas que cobriam a bancada via-se uma caixa de madeira e, ao lado desta, uma fila de longas puncetas de latão em forma de letra. Estas eram iguais às usadas pelos encadernadores para imprimir letras em lombadas de couro. Bocados

quadrados de metal fundido estavam espalhados ao calhas por todos os lados.

— Usamos um molde. — Gutenberg passou pela mesa a passos largos. — Um idiota seria capaz de o fazer. Mostra-lhes, Hans. — Continuou na direção da janela e deixou-os à espera do homem mais velho. O ferreiro pegou num bocado de metal, e estendeu-o a Peter entre unhas queimadas e deformadas. O homem era uma coisa gasta, todo dobrado e castanho.

— Ouvi dizer que sabes umas coisas sobre caligrafia — disse, com olhos tão pesados que pouco passavam de fendas. Peter confirmou com a cabeça quando pegou no metal e o sopesou: tão grosso como o seu dedo indicador e com cerca de vez e meia o comprimento. Continha a letra “a”, projetada em relevo na ponta, e fora fundido em algum metal denso e prateado. Agitou-o levemente e franziu o sobrolho.

— Fundimo-las na caixa. — O velho ferreiro indicou com um gesto a urna plana e provida de dobradiças. Um molde básico, como os que Peter vira na loja do tio Jakob, cheio de areia fina que conservava a forma de um objeto durante pouco tempo. Os joalheiros usavam-nos para fazer broches, decorações de anéis e selos que mais tarde prenderiam a alfinetes ou a aros. E agora usavam-nos para fazer letras de metal.

Peter contornou a bancada e viu mais letras — dúzias, vintenas, todas a brilhar de forma mortiça. Uma pilha de *ás*, de *us* e de *emes*, todos idênticos. Empalideceu e cruzou os braços para esconder as mãos, com receio de que elas pudessem tremer. Sentiu uma tontura, como se o chão tivesse caído. O ruído atacou-lhe os ouvidos: ouviu a fornalha rugir, a toska prensa bater, como que para rasgar em dois o próprio tecido do mundo.

Gutenberg estava parado à luz sarapintada de uma pequena janela suja, com a folha impressa de fresco na mão. Fust acotovelou Peter e ambos se aproximaram com cautela. O homem estava a franzir o cenho e torcia o lábio inferior com os dedos. Embora fracos, os raios do Sol iluminavam cada mancha e imperfeição.

— Que eu seja cego — repetiu, sacudindo a estranha cabeça encanecida, franzindo o sobrolho quando os dois se aproximaram.

De súbito surgiu um brilho nos seus olhos escuros.

— Tu. — Sacudiu a cabeça. — Tu aí, jovem escriba. — Um fino sorriso cruel tremeluziu-lhe nos lábios. — Vejamos o que aconselhas.

Peter viu os ferreiros trocar um olhar enviesado. Pegou na folha de papel. A tinta soltava um cheiro adocicado; sentiu os estranhos vergões subidos que a prensa deixara no reverso. Respirou fundo, obrigou as mãos a ficarem quietas e ergueu a folha para focar os olhos nas linhas impressas.

O que deveria dizer — a verdade ou uma falsidade educada? Sentiu o pai a remexer-se a seu lado. Inclinou levemente o papel, olhou o sacana nos olhos.

— Não está mal. As formas das letras são fortes. Embora um pouco arredondadas em demasia, diria eu. — Era um mestre escriba; não se esconderia. — Uma forma mais estreita, com esporas mais finas, talvez seja mais agradável à vista.

— Não está mal! — O riso do mestre era cáustico. Olhou para a sala com um divertimento duro e forçado. — Forjamos aquelas malditas letras num metal que ele nunca viu e tudo o que consegue dizer é que não está mal! — Quando aqueles olhos escuros regressaram à cara de Peter, este sentiu os pelos da nuca a pôr-se em pé.

— Então que mais, rapaz?

— Não vim cá para pôr defeitos.

— Porque não? Se é do teu ofício?

Todas as guildas punham os formandos sob cheque. Os ourives inventavam moedas tão falsas como qualquer uma que um desonesto poderia fazer passar. Os joalheiros davam-lhes pedras feitas de uma pasta que se estilhaçava sob as suas facas. Peter olhou para Fust de relance; o pai fez o mais pequeno dos acenos. Cautelosamente, voltou a erguer a folha. Deixou os olhos desfocar-se, procurando com a visão interior a forma mais lata, mais estética. O todo mostrava uma certa granulossidade, uma certa falta de elegância.

— A tinta está clara em certas partes e demasiado escura em outras.

— Certíssimo. — O mestre tirou-lhe a folha das mãos. — Deus sabe como é um calvário limar e aplanar cada uma daquelas filhas da mãe para ficarem à mesma altura.

Passara. Peter sentiu uma pequena aguilhoada de orgulho — e depois de horror. Pois conseguia ouvir o mais ruidoso dos silêncios vindo da bancada de trabalho. Dirigiu aos ferreiros um sorriso que pedia perdão. Demasiado tarde: ambos mostravam expressões amargas. Keffer — era Heinrich Keffer, afinal de contas, agora todo crescido e encorpado —

çoço a barba amarela e ergueu uma sobranceira. O outro, Hans, estava de cenho carregado. O estômago de Peter deu uma volta. Voltou a olhar para o mestre, que ainda fitava a folha, com a boca repuxada para baixo. Que tipo de homem era aquele — que tipo de amo — para não tratar os seus homens melhor do que um par de ferramentas inconscientes?

A voz do pai soou baixa ao ouvido de Peter.

— Agradeceria que viesse. Ainda temos alguns assuntos a discutir. — Assim, abandonaram o barracão e entraram numa salinha no edifício principal que Peter tomou pelo estúdio do mestre. A lareira continha um grande monte de cinzas do inverno anterior; pilhas de papel, na mesa, tinham sido empurradas para o lado, a fim de abrir espaço para pratos. A sala estava gelada, a mobília não estava envernizada e era tosca.

— Vedes como gastei tudo — disse o anfitrião, a acenar descuidadamente em volta. E de facto, a casa mal parecia pertencer a alguém de meios. Contudo, comeram bem e beberam uma quantidade de *Spätburgunder*. Era possível que o que faltava fosse apenas um toque de mulher, pensou Peter, dirigindo um pequeno aceno a Grede. Parecia não haver nem esposa nem familiares: a *Frau* Beildeck, mulher do criado de quarto, era tão rude e faceira como qualquer peixeira.

— Em tempos fui rico. — O anfitrião tornou-se mais expansivo depois de emborcar um ou dois jarros. — Mas, como vedes, gastei tudo... e mais, que fui pedindo aqui e ali ao longo destes trinta anos. — Virou-se, divertido, com os olhos penetrantes postos em Peter. — Para prosseguir este trabalho, já tinha saqueado todos os meus familiares quando o teu pai chegou... e alguns mais de uma vez.

— É uma honra — disse Fust — certamente. — Tirou do colete um quadrado de linho e levou-o aos lábios. A única questão na sua mente, disse ele, era que livro deviam imprimir primeiro.

— Tenho a certeza de que o escriba tem alguma ideia. — O tom do mestre, embora seco, era muito menos cortante do que antes. Esvaziou o copo e bateu com ele na mesa. — Os honorários pelo treino são dez florins por ano.

Johann Fust — melifluamente, oh, tão melifluamente — sorriu. Se ficou surpreendido, não o deu a entender. Limitou-se a soltar um risinho.

— Não ides pedir agora pagamento, pois não, *Herr* Gensfleisch? Depois de tudo o que vos emprestei?

— Gutenberg. Respondo por Gutenberg. — O impressor fez má cara, começou uma ou duas vezes a falar, pensou melhor. Por fim, cuspiu: — Vós, os homens do dinheiro! Sois todos iguais. Não há nada com que não façais negócio ou a que não atribuíis um preço. Mas se um pobre tentar vender os seus conhecimentos, recuais. — Estendeu as mãos na estranha paródia de uma súplica. — Pareceis julgar que um homem deve abrir mão do trabalho da sua vida por nada.

— Oitocentos florins não são “nada”.

Peter lutou por controlar o choque. Oitocentos florins! Santo Cristo! A soma era assombrosa, enorme até para um homem com as ambições de Fust. Bastava para comprar oito casas ou várias quintas. Sentiu o sangue fugir-lhe da cara.

— Não tenho tempo para perder a conduzir mãos.

— Estas mãos valem mais do que pensais.

Peter observou aqueles dois a enfrentar-se sobre a mesa maltratada, sem mover um músculo enquanto os outros atiravam a sua vida de um para o outro. Devia ter-se levantado e ido embora. Mas não podia; estava amarrado de pés e mãos pelo dever.

— Não avançastes com o total. — A voz do impressor era quezilenta. — Preciso do resto para metal e equipamento.

— Obtê-lo-eis quando o contrato estiver assinado, assim que eu consiga levantá-lo. — Apesar de toda a sua riqueza, Fust não tinha tanto ouro à mão. Financiava grandes gastos dos lombardos ou de alguns judeus de Frankfurt. — Em contrapartida — disse o pai — vós treinareis o meu filho, e comprometeréis os instrumentos que fizerdes como garantia.

— Não transmito barato os meus conhecimentos.

— É meu desejo que o Peter aprenda esta arte.

Gutenberg olhou com vivacidade para Peter, após o que devolveu o seu olhar encovado a Fust.

— Já disse que tudo isto é demasiado apertado.

— A gramática latina vender-se-á bem. E, depois de escolherdes o livro a imprimir, ireis encontrar aprendizes e cobrar por eles, tantos quantos quiserdes.

O silêncio pairou na sala, como uma coisa a respirar. Fez pressão sobre as vigas cobertas de teias de aranha, serpenteou pelas paredes vazias e cinzentas abaixo. Peter abafou um grito pela sua antiga vida — por pe-

nas a relampejar, por todo o corrupio da *Place de la Sorbonne*. Seria para aquilo que Deus o elevara? Para poder voltar a atirá-lo para a lama de onde viera? Cerrou os punhos para fazer parar as picadas nos seus olhos.

— Uma coisa. — Gutenberg levantara-se. — Se tem de haver um contrato, quero o vosso juramento. — Os seus olhos perscrutaram-lhes os rostos, um de cada vez. — Tudo o que eu ensinar permanece dentro destas paredes. — Franziu o sobrolho e percorreu a sala com o seu olhar penetrante e impaciente; quando estendeu a mão e pegou num crucifixo que estava pendurado por cima de uma mesa, os outros compreenderam. Peter pousou as mãos nele e jurou não transmitir a nenhum homem a arte e a técnica do trabalho; penhorou a sua honra aos olhos de Deus.

Sentiu-se precisamente como se tivesse sido iniciado, de olhos vendados, nalguma irmandade negra e cabalística.